

LINGUA(GEM) - Uma publicação semestral do Instituto Latino-Americano de Pesquisas Lingüísticas (ILAPEC)

**Comissão**

Antônio dos Martírios Barros (UFAP)  
Dermeval da Hora (UFPB)

**CONSELHO EDITORIAL**

O Conselho Editorial está constituído por pesquisadores de diferentes Instituições, a saber:

- Anthony J. Naro (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)
- Beth Brait (Universidade de São Paulo - USP)
- Cláudia Roncaratti (Universidade Federal Fluminense - UFF)
- Dermeval da Hora (Universidade Federal da Paraíba - UFPB)
- Edair Gorski (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)
- Eric Fernández Hernández (Universidad de La Habana, Cuba)
- Gisela Collischonn (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)
- Hans van de Velde (Utrecht Universiteit, Holanda)
- Heronides Moura (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)
- Ingedore V. Koch (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP)
- Jânia Ramos (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)
- Jo-Anne Sharon Ferreira (University of West Indies, Trinidad e Tobago)
- Leci Borges Barbisan (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS)
- Leda Bisol (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS)
- Leo Wetzels (Vrije Universiteit, Holanda)
- Leonor Lopes Fávero (Pontifícia Universidade Católica - PUC e Universidade de São Paulo - USP)
- Luiz A. Marcuschi (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)
- Marco Antônio de Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)
- Maria Bernadete Abaurre (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP)
- Maria Cecília Mollica (Universidade Federal de Rio de Janeiro - UFRJ)
- Maria Denilda Moura (Universidade Federal de Alagoas - UFAL)
- Maria Elias Soares (Universidade Federal do Ceará - UFC)
- Maria Elizabeth Affonso Christiano (Universidade Federal da Paraíba - UFPB)
- Maria Eugenia Lamoglia Duarte (Universidade Federal de Rio de Janeiro - UFRJ)
- Maria da Graça Costa Val (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)
- Maria Helena Mira Mateus (Universidade de Lisboa, Portugal)
- Maria Luiza Braga (Universidade Federal de Rio de Janeiro - UFRJ)
- Maria Marta Pereira Scherre (Universidade de Brasília - UnB)
- Martha Rosa Sardiñas Vargas (Universidad de La Habana, Cuba)
- Mary Kato (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP)
- Rosa Virginia Mattos e Silva (Universidade Federal da Bahia - UFBA)
- Scott Schwenter (The Ohio State University, Estados Unidos da América)
- Shana Poplack (University of Ottawa, Canadá)
- Sirio Possenti (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP)
- Stella Maris Bortoni (Universidade de Brasília - UnB)
- Stella Virginia Telles (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)
- Thaís Cristófaros Silva (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)
- Valéria Monaretto (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)
- Vera Lúcia Menezes (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)

# LINGUA(GEM)

## 2

**Volume 1 - Número 2**  
**2004**

**EDITADA POR**  
**Dermeval da Hora e Antônio dos Martírios Barros**

**Instituto Latino-Americano de Pesquisas Científicas - ILAPEC**  
**Macapá - AP**

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA:  
ANTIGA QUESTÃO E NOVAS PERSPECTIVAS

*Christina Abreu Gomes*  
(UFRJ)

*Thaís Cristófar-Silva*  
(UFMG)

**Abstract**

This paper is a review of the classical concept of variation as stated in Labov (1972, 1994, 1996). It evaluates some of the associated problems and argues that the notion of process is inadequate to express variation. However, the probabilistic assessment offered by Labov's proposal is seen as an important advance towards encompassing variation into Grammar. Thus, it is suggested that current probabilistic approaches in linguistics (BYBEE, 2001, PIERRUMBERT, 2003, BOD, JANNEDY & HAY, 2003) may contribute to a better understanding of variation and offer additional descriptive tools. Such a proposal also lends insight on the nature of linguistic knowledge itself.

**Key Words:** Linguistic variation; probabilistic processing.

Durante os últimos 40 anos, as pesquisas desenvolvidas no âmbito da sociolingüística variacionista têm procurado caracterizar o comportamento de estruturas lingüísticas variáveis tal qual se manifestam no uso real de uma comunidade de fala (LABOV, 1972, 1994, 1996). A partir de meados dos anos setenta, pesquisadores brasileiros, em diversos centros de pesquisa, têm contribuído com resultados relativos à descrição de processos variáveis estáveis e de mudança em progresso sobre o português brasileiro e sua comparação com outras variedades lingüísticas. O conjunto de resultados já acumulados para a explicação de processos em

diversos níveis lingüísticos impõe uma reflexão sobre a contribuição da área para a teoria lingüística, bem como a indicação de novas perspectivas de pesquisa. Esse artigo pretende abordar estes dois tópicos. A contribuição da área para a teoria lingüística, juntamente com evidências de outras áreas, indica que a faculdade da linguagem é probabilística (BOD; HAY; JANNEDY, 2003). Além disso, inerente à noção de processo sugerida pela sociolingüística variacionista, é inovador considerar uma abordagem multirepresentacional das estruturas lingüísticas (JOHNSON, 1997; PISONI, 1997; PIERREHUMBERT, 1994, 2001, 2003; BYBEE, 2001, 2002, 2003), CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2004). Abordagens multirepresentacionais sugerem uma avaliação probabilística do componente lingüístico, incluindo-se aqui a variação e mudança lingüística (MENDONZA-DENTON; JANNEDY, 2003; ZURAW, 2003).

### 1 A definição clássica da variação e suas implicações para a teoria da variação e para a teoria formal

De acordo com o modelo inicialmente proposto para os estudos variacionistas, “regras” variáveis fazem parte de um único sistema heterogêneo (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). A formulação da variação inerente, que rompeu a correlação entre homogeneidade e estrutura e estrutura e sincronia, procurou atender à necessidade de se explicar a mudança lingüística. A correlação entre variação e mudança foi traduzida na máxima: mudança é variação, embora nem toda variação seja processo de mudança.

A formulação de variável lingüística como “maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa no mesmo contexto” implicava equivalência semântica e identidade estrutural subjacente das variantes de uma variável. Desde a proposição do conceito de variável sociolingüística, diversos problemas e questões foram apontados para a definição clássica. Esses problemas envolvem tanto o questionamento do requisito da identidade estrutural (cf. MILROY, 1980; WINFORD, 1996; LEFEBVRE, 1989) como o da equivalência semântica (cf. LAVANDERA, 1978; ROMAINE, 1984).

A formulação da variação inerente foi e tem sido rebatida em função de suas implicações para a arquitetura da gramática. Isto decorre da incompatibilidade do conceito em si com o tipo de formulação de como o conhecimento lingüístico é organizado. A proposta que tem dominado a lingüística até o momento baseia-se na representação única e no mapeamento

entre a representação lingüística e as formas fonéticas ou via agrupamento de categorias (Fonêmico, Estruturalismo), processos (Gerativa, Lexical, Autosegmental) ou restrições que gerenciam o conhecimento lingüístico (Teoria da Otimalidade) (cf. CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2004).

No artigo clássico de Kay; McDaniel (1979), *On the logic of variable rules*, os autores discutem as implicações da formulação de regra variável de Labov para a concepção de gramática do modelo chomskiano. Para os autores, haveria incompatibilidade entre regras de natureza categóricas, discretas, fechadas, de sistemas dedutivos, como as do modelo gerativo, e a natureza gradual e aberta das regras variáveis, características de um sistema indutivo. A formulação de regras variáveis, nesse contexto, constituía uma ruptura radical e levava a um problema conceptual (cf. p. 152), uma vez que o modelo gerativista não comporta informação sobre a frequência em que uma sentença é produzida.

Lightfoot (1998, p. 81-82) observa que Labov propõe que a gramática ou conhecimento do falante é uma entidade psicológica/biológica, que incorpora o conhecimento das formas variáveis e a probabilidade de sua ocorrência. Segundo Lightfoot, o problema da proposição de Labov está no fato de que a visão variacionista incorpora muito mais informação, incluindo a variabilidade do ponto de vista social, que poderia ser melhor capturada pelo modelo de gramáticas coexistentes. Em geral, as propostas de base gerativista estabelecem que os falantes têm uma única gramática. No entanto, de acordo com a proposta de Kroch (1989), falantes podem operar com mais de uma gramática. Segundo Lightfoot (*op. cit.* p.101) a proposição de gramáticas coexistentes em competição é uma boa explicação para a aparente opcionalidade observada nas línguas (variação, nos termos de Labov). Nessa perspectiva, a mudança lingüística se constituiria em substituição de gramáticas no indivíduo.

Embora separadas pelo intervalo de tempo e pelos diferentes modelos desenvolvidos contemporaneamente pela proposta gerativista, as colocações compartilham o fato de que a concepção da variação inerente não se encaixa na representação única da gramática. Este é o ponto central que este artigo pretende abordar: a questão da variação na representação/organização do conhecimento lingüístico a partir do estabelecimento de uma “gramática probabilística” que permite que se postule que abstrações são construídas / inferidas a partir do uso. Tal proposta prevê representações múltiplas e de caráter gradual. Vamos então apresentar a proposta multirepresentacional que possibilita um avanço para os estudos variacionistas ao incorporar a dinamicidade nos sistemas e a caracterização da variação individual.



Na próxima seção, discutimos a noção de variação apresentada no modelo variacionista e apresentamos a proposta multirepresentacional, que pode contribuir para uma melhor formulação dos resultados explorados na sociolinguística. A terceira seção apresenta os principais pontos da proposta multirepresentacional explorado em Bybee (2000, 2001, 2003), que adota o modelo de exemplares apresentado por Johnson (1997) e Pierrehumbert (2001, 2003) para as representações mentais. Algumas conclusões e propostas de trabalhos futuros são apresentadas na última seção.

## 2 Variação como processo

Os trabalhos dentro da teoria da variação têm adotado implícita ou explicitamente a concepção da representação única, o que implica colocar a variação linguística ou “regra variável” como processo, conforme pode ser observado em algumas citações a seguir:

These facts show that the full cluster is present in the underlying form of *act*, *bold* or *find*, and that a variable rule deletes the second consonant” (LABOV, 1970, p. 53).

Like the phoneme /r/ and /æ/ the variable (r) and (eh) represent abstract linguistic entities. Just as phonemes are actualized as one or more allophones, so variables are actualized as one or another of the variants. Unlike the allophones of phonemes, the variants of variables such as (r) and (eh) are not always predictable by phonological, morphological or any kind of linguistic conditioning. Allophones must occur when their linguistic factors are present (...). Variants may have a tendency to occur when certain linguistic factors are present in the environment (...) (CHAMBERS, 1995, p. 17).

Também nos estudos sobre aquisição, observa-se essa concepção:

The resulting argument was that children were indeed engaging in systematic variation, often quite similar in structure to those of their parents, and they did appear to include the final (t, d) stops in their underlying representations of semi-weak verbs. The results strongly suggested that the children were formulating rules, not learning patterns in an item-by-item fashion (...). (ROBERTS, 2002, p. 339).

Por outro lado, mais recentemente Labov (1994, p. 580) estabelece que:

Variable rules are probabilistically controlled limits of variable behavior, which govern distributions over time, and no single utterance can be called acceptable or unacceptable, grammatical or ungrammatical, with respect to such a rule.

Embora nesta última citação de Labov não haja uma explicitação ou apresentação de uma proposição teórica de representação da variação na gramática, a variação é colocada em uma dimensão diferente da que ocupava na conceituação inicial, mesmo que ainda referida como “regra variável”. Nesse trecho regra variável corresponde a princípios de organização do material linguístico, que se refletem no comportamento variável do falante. Além disso, reafirma que as formas atestadas não podem ser definidas em termos de dicotomias de aceitabilidade e gramaticalidade, uma vez que são “permitidas” ou “produzidas” pelas “regras” inerentes à gramática.

Durante os últimos 40 anos, as pesquisas realizadas no campo da variação têm contribuído com resultados que apontam para a natureza probabilística da organização da estrutura linguística e para a interação ou interface dos diversos níveis ou módulos da gramática. A postulação de grupos de fatores aponta para a interação ou interface dos diversos níveis ou módulos da gramática, quando procuram identificar a correlação de variáveis linguísticas a fatores de diferentes naturezas como, por exemplo, a) na variação fonológica, observa-se a correlação do uso das variantes a aspectos relativos à natureza do item lexical como frequência, especialização do item lexical (OLIVEIRA, 1995; VIEGAS, 2001); b) na variação sintática, há correlação de aspectos sintáticos e fatores discursivos (PAREDES SILVA, 2003) e de nuance semântica das variáveis (MOLLICA, 1996); c) quando trata da natureza gradiente das categorias morfológicas ao investigar a variação de itens que podem operar em diferentes funções que vão num contínuo que vai da categoria lexical nuclear a diversos tipos de marcadores discursivos (BRAGA, 2003), só para citar alguns casos.

Os estudos variacionistas também forneceram evidências que, juntamente com a contribuição de pesquisas de outras áreas como a psicolinguística e a aquisição, apontam para a natureza probabilística da organização da estrutura linguística, mesmo que via processo, ao identificar tendências de ocorrência de variantes correlacionadas a aspectos estruturais e não estruturais, representadas pelos resultados de peso relativo: Assim,

parece-nos importante e desafiador incorporar aos estudos variacionistas a discussão de uma proposição de organização e funcionamento da gramática/conhecimento lingüístico que incorpore representações múltiplas.

### 3 Variação inerente na lingüística probabilística e na fonologia de uso

Esta seção trata dos principais aspectos dos modelos multi-representacionais formulados por Bybee (2000, 2001, 2003) e Johnson (1997), Pierrehumbert (2001, 2003).

Pierrehumbert (2003, p. 178) argumenta que a idéia de incorporar a noção de probabilidade ou de conhecimento estatístico à gramática tem sido normalmente classificada como em oposição a uma gramática formal. No entanto, segunda a autora, a oposição é espúria, uma vez que uma teoria probabilística requer que se atribua distribuição probabilística a variáveis. Sem variáveis, ou categorias, não seria possível a um modelo de aprendizado estatístico atribuir probabilidades a coisa alguma. Uma vez estabelecidas as variáveis abstratas (por exemplo, consoante, mora, sílaba, para citar algumas possibilidades referentes à estrutura fonológica), em princípio, pode-se atribuir distribuição probabilística a qualquer variável, de qualquer natureza.

Considerando que se observam tanto estruturas variáveis quanto categóricas nas línguas, a inclusão da distribuição probabilística no modelo evidentemente fornece instrumental para melhor dar conta dos dados variáveis e gradientes, assim como também inclui as estruturas categóricas. Os modelos vigentes ou ora focalizam exclusivamente os aspectos invariantes do sistema ou exclusivamente os aspectos variáveis. Os casos categóricos seriam tratados, nesse modelo, como tendo probabilidades extremas: 0 para eventos que nunca ocorrem e 1 para um tipo que ocorre sempre e da mesma forma.

Dentro dessa proposição, fica evidente que a variação não é adequadamente capturada por regras de reescritura e que deve ser considerada como intrínseca à gramática e à representação ao invés de periférica e derivada (cf. PIERREHUMBERT, 2003; BYBEE, 2001). Como então representar a variação em um modelo que incorpora variação e estruturas categóricas?

De acordo com Bybee (2001) e Pierrehumbert (2003), com relação à organização da representação abstrata, parte-se da hipótese de que os itens lingüísticos não são estocados numa lista não estruturada, conforme

previsto nos modelos tradicionais. Ao contrário, regularidades e similaridades observáveis entre os itens são utilizadas na estrutura de armazenagem/estocagem. Os itens formam uma rede de conexões.

Bybee (1985) propõe uma representação visual bidimensional, em que relações de identidade são representadas por linhas de conexão, que tanto podem mapear relações de similaridade fonético-fonológicas, quanto morfológicas e semânticas. A figura 1 a seguir representa um exemplo para o português de uma rede de conexões de acordo com o modelo de Bybee, extraído de Huback (2003). A figura expressa uma rede de conexões de formas verbais de passado no plural. Essa rede se caracteriza por apresentar diversos verbos atrelados a ela.

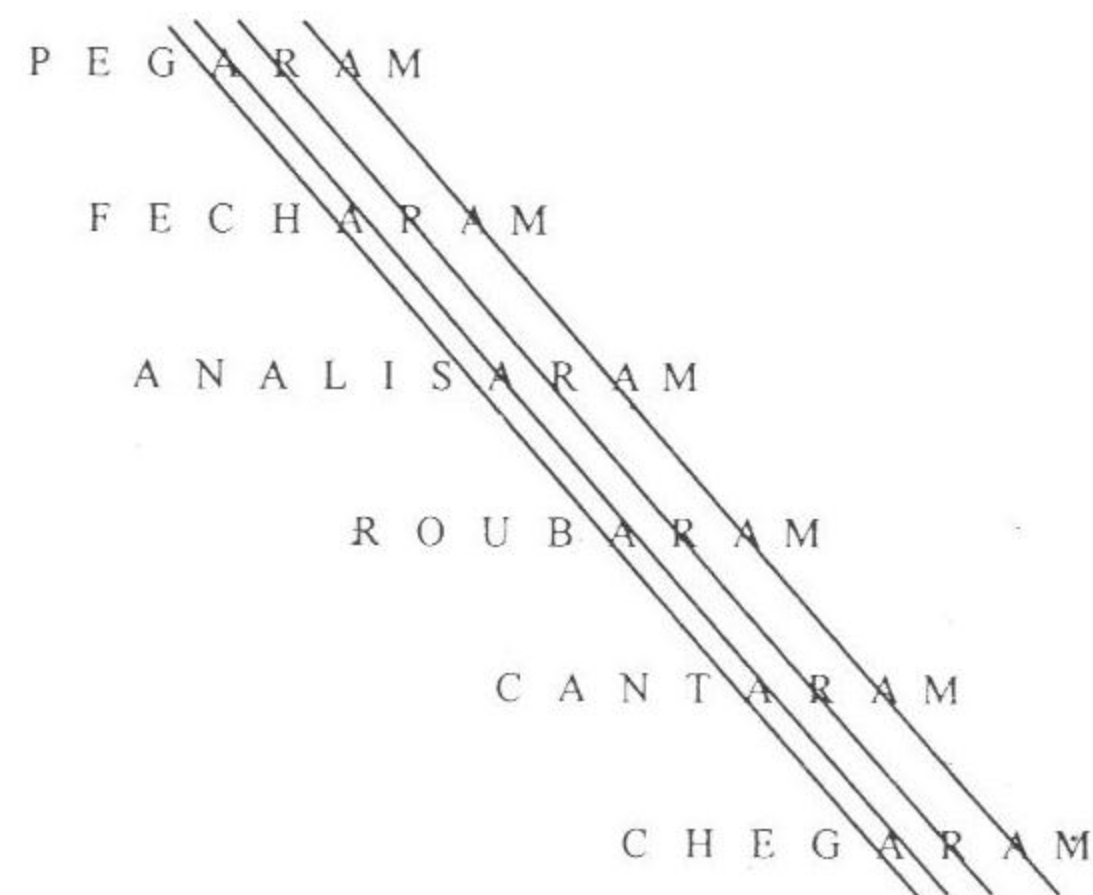


Figura 1: Conexões lexicais em rede para -aram.

Diferentemente da concepção tradicional do componente fonológico, no modelo da Fonologia de Uso, a informação estocada é redundante. Langacker (2000) defende que as representações lingüísticas ou representações mentais são maximamente redundantes e que os segmentos fonológicos com as redundâncias removidas não constituem unidades cognitivas autônomas. A teoria que acolhe as redundâncias nas representações é a Teoria dos Exemplos. Tal teoria foi apresentada por Johnson (1997) e desenvolvida em Pierrehumbert (2001).



Portanto, as unidades lingüísticas estocadas são as ocorrências concretas de uso. No modelo de exemplares, todas as ocorrências percebidas são categorizadas e estocadas criando categorias que representam diretamente a variação encontrada no uso. As palavras são relacionadas em função de similaridade fonológica e semântica e dão origem à estrutura abstrata da linguagem. A fonologia não é abstraída diretamente da fala, mas indiretamente via abstração das formas das palavras no léxico, que é alinhado em redes que refletem vários níveis de abstração: fonológico, semântico, morfológico, etc. Nesse sentido, a estrutura é emergente e dinâmica, permitindo que o sistema tenha plasticidade em seu dinamismo.

A estocagem ou armazenamento do conhecimento lingüístico tem como parâmetro fundamental a frequência. A frequência tem sido considerada diferentemente em diversos modelos de mudança conforme pode ser observado no quadro a seguir:

a. Foneticamente gradual	Lexicalmente abrupta	Neogramáticos
b. Foneticamente abrupta	Lexicalmente abrupta	<i>Difusão Lexical</i>
c. Foneticamente gradual	Lexicalmente gradual	<i>Fonologia de Uso</i>
d. Foneticamente abrupta	Lexicalmente abrupta	Excluída

**Quadro 1. Mudança lingüística e o papel da frequência**

De acordo com Bybee (2001, p. 11-12), a frequência de tipo e a frequência de ocorrência desempenham papéis diferentes na Fonologia de Uso. Frequência de tipo (*type frequency*) corresponde à frequência de um padrão específico no léxico (ou dicionário). Frequência de ocorrência (*token frequency*) corresponde à frequência de ocorrência de uma unidade – palavra, estrutura silábica, unidade sonora – em um determinado *corpus*. A frequência de ocorrência tem dois efeitos importantes tanto na fonologia quanto na morfologia. Um destes efeitos é que a mudança foneticamente motivada se implementa mais rapidamente em itens lexicais que têm frequência de ocorrência mais alta. A mudança sonora resulta de processos fonéticos que são aplicados em tempo real em que as palavras são usadas, então aqueles itens mais usados serão mais suscetíveis à mudança. O segundo efeito envolve casos de mudança analógica e de generalização fonológica (PHILIPS, 2001) Nestes casos as palavras mais frequentes são mais resistentes às mudanças sonoras e as que implementam a mudança são as de baixa frequência, não havendo motivação fonética que, como mencionado anteriormente, afeta inicialmente os itens lexicais mais frequentes.

Sumarizando, os pilares da Fonologia de Uso são a multirepresentacionalidade e a avaliação probabilística da linguagem. Uma vez que o caráter probabilístico da linguagem é intrínseco ao modelo variacionista, parece apropriado se investigar a proposta de multirepresentacionalidade sugerida neste artigo.

#### 4 Considerações finais

Ao se sugerir o gerenciamento probabilístico da linguagem nos deparamos com um sério problema: como considerar a probabilidade? A lingüística de corpus tem desenvolvido ferramentas de apoio a propostas de investigação lingüística que consideram ser o uso de crucial importância para a organização do componente lingüístico (SARDINHA, 2004; SINCLAIR, 1997). Os desafios de se trabalhar com *corpora* são muitos e o mapeamento probabilístico da linguagem oferece desafios em sua formulação. Resta-nos desenvolver ferramentas que apoiem tais iniciativas. *Corpora* do português brasileiro já se encontram disponíveis (cf. [www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt), <http://lael.pucsp.br/corpora/index.htm>). Uma ferramenta de apoio aos estudos em fonética e fonologia está em fase de formulação. Esta ferramenta é denominada ASPA-Avaliação Sonora do Português Atual e poderá ser acessada em [www.projetoaspa.org](http://www.projetoaspa.org). A proposta apresentada neste artigo nos parece interessante ao oferecer uma alternativa aos problemas representacionais inerentes às teorias lingüísticas que, ao nosso ver, decorrem primordialmente da representação lingüística única.

#### Referências

- BOD, Rens, HAY, Jennifer, JANNEDY, Stefanie. (eds). (2003). *Probabilistic Linguistics*. Cambridge/ Massachusetts: MIT Press.
- BRAGA, Maria Luiza (2003) E ai se passaram 19 anos. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa. p. 159-174.
- BYBEE, Joan L. (2000) The phonology of the lexicon: evidence from Lexical Diffusion. In: BARLOW, M.; KEMMER, S. (Ed.) *Usage-based models of language*. Stanford California: CSLI Publications, p. 65-85.

- \_\_\_\_\_. (2001). **Phonology and Use**. New York/Cambridge: Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_. (2002). Phonological Evidence for Exemplar storage of multiword sequences. *SSLA* 24, p. 215-221.
- CHAMBERS, Jack K. (1995). **Sociolinguistic Theory**, Oxford: Blackwell.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís e GOMES, Christina A. (2004) **Representações múltiplas e organização do componente lingüístico**. Submetido a publicação (mimeo).
- HUBACK, Ana Paula. (2003). **Redes e organização fonológica**. Final paper course LIG917. FALE/UFMG ms.
- JOHNSON, Keith. (1997). Speech perception without speaker normalization. In: JOHNSON, K.; MULLENNIX, J. W. (eds) **Talker variability in speech processing**. San Diego: Academic Press. pp. 146-165.
- LABOV, William. (1970). The study of language in its social context. *Studium Generale* 23, p.30-87.
- \_\_\_\_\_. (1972) **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- \_\_\_\_\_. (1994). **Principles of Linguistic Change: internal factors**. Oxford/Cambridge: Blackwell.
- \_\_\_\_\_. (1996). **Principles of Linguistic Change: social factors**. Oxford/Cambridge: Blackwell
- LAVANDERA, Beatriz. (1978). Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, 7, p. 171-182, Cambridge: Cambridge University Press.
- LANGACKER, Ronald. (2000). A dynamic usage-based model. In: BARLOW, B.; KEMMER, S. (eds). **Usage-based models**. Stanford: CSLI. p. 1-63.
- LEFEBVRE, Claire (1989). Some problems in defining syntactic variables: the case of wh-questions in Montreal French. FASOLD, R.; SCHIFFRIN, D. (ed.) **Language Change and Variation**. Amsterdam: John Benjamins, p. 351-366.
- LIGHTFOOT, David (1998) **The Development of Language: acquisition, change, and evolution**. Oxford: Blackwell.
- KAY, Paul; MCDANIEL, Chad K. (1979) On the logic of variable rules. *Language and Society* 8, 151-187. Cambridge: Cambridge University Press.
- KROCH, Anthony (1989). Reflexes of grammar in patterns of language change. *Language Variation and Change* 1, p. 199-244. Cambridge: Cambridge University Press.
- MENDONZA-DENTON, Norma, HAY, Jennifer; JANNEDY, Stefanie (2003) **Probabilistics Sociolinguistics: beyond variable rules**. In: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (eds). (2003). p. 97-138.
- MILROY, Leslie. (1980). **Language and social Networks**. Oxford: Blackwell.
- MOLLICA, Maria Cecília (1996). A regência do verbo ir de movimento. In: OLIVEIRA E SILVA, G.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). **Padrões sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 147-168.
- OLIVEIRA, Marco Antônio (1995) O léxico como controlador das mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*, FALE/UFMG, 4, p.31-41.

- PAREDES SILVA, Vera Lúcia (2003). Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contracapa. p. 97-114.
- PIERREHUMBERT, Janet. B. (1994). Knowledge of Variation. *CLS 30, Papers from Parasession on Variation and Linguistic Theory*.
- \_\_\_\_\_. (2000). What people know about sounds of language. *Studies in the Linguistic Science* vol. 29, n.2.
- \_\_\_\_\_. (2001). Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds). **Frequency and the emergency of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, p.137-157.
- \_\_\_\_\_. (2003). **Probabilistic Phonology: discrimination and robustness**. In: R. BOD, J. HAY, S. JANNEDY (eds). p.177-228.
- PHILIPS, Betty. (2001). Lexical diffusion, lexical frequency and lexical analysis. In: J. BYBEE and P. HOOPER (eds). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, p. 123-136.
- PISONI, David *et al.* (1985). Speech perception, word recognition and the structure of the lexicon. *Speech Communication* 4, p. 75-95.
- ROBERTS, Julie. (1996) **Acquisition of variable rules: (-t, -d) deletion and (ing) production in preschool children**. Institute for Research in Cognitive Science (IRCS) Report 96-09. Philadelphia: University of Pennsylvania.
- ROMAINE, Suzanne. (1984). On the problem of syntactic variation and pragmatic meaning in sociolinguistic theory. *Folia Linguistics* 18, p. 409-437.
- SARDINHA, Tony. (2004). **Lingüística de Corpus**. São Paulo: Ed. Manole.
- SINCLAIR, John M. (1997). Corpus evidence in language description. In: WICHMANN, A. S. et al. **Teaching and language corpora**. Londres/Nova York: Longman. P. 27-39.
- VIEGAS, Maria do Carmo (2001) **O alicamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais**. Tese de Doutorado, Faculdade de Letras, UFMG, 303p.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William Herzog, M. I. (1968) Empirical foundations of a theory of language change. In W. P. LEHMANN and Y. MALKIEL (eds) **Directions for historical linguistics: a symposium**, Austin: University of Texas Press, p. 95-189.
- WINFORD, David (1996). The problem of syntactic variation. **Selected papers from NWAV 23 at Stanford**, Stanford: CSLI Publications.
- ZURAW, Kie. (2003) **Probability in Language Change**. In: BOD, R., HAY, J., JANNEDY, S. (eds). (2003).